

ARRAÍÁ SOLIDÁRIO



Há cinco anos, estudantes da Esalq organizam festa entre repúblicas: renda vai para entidades

IURI BOTÃO

iuri@npjornal.com.br

Junho é mês de festas juninas. Originárias da tradição católica, pelas comemorações dos dias de Santo Antônio, São Pedro e São João, hoje as festas dominam clubes, escolas, casas de famílias grandes e até mesmo as ruas. Foi com esse espírito que as moradoras da república Forfé, estudantes da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), decidiram, há cinco anos, realizar uma festa do tipo. O planejamento ambicioso as fez convidar outras repúblicas e, logo no primeiro ano veio a decisão: fazer uma festa na rua, envolvendo repúblicas e moradores do bairro onde moram, a Vila Independência, com o lucro revertido para instituições de caridade.

Logo no primeiro ano, 15 repúblicas participaram do Arraíá da Vila Independência, festa que costumava ser realizada na rua Fernando Febeliano da Costa e mudou, este ano para a rua do Trabalho,

entre as ruas Fernando Febeliano da Costa e Samuel Neves. Em 2010, 22 repúblicas participaram da organização, cada uma com sua respectiva barraca, vendendo comidas e bebidas que já fazem parte da tradição das festas juninas, como milho cozido, pipoca e cachorro-quente, passando por quentão, vinho quente, bolo de milho, cuscuz e canjica, na festa em que é cobrado um quilo de alimento pela entrada.

A festa reuniu mais de 1.000 pessoas na noite da última quinta-feira, e, embora ainda não tenha sido calculado, o lucro — que será revertido em doações — deve pelo menos empatar com o do ano passado, que foi de quase R\$ 10 mil. Ao final da festa, um mutirão de estudantes tratou de limpar a rua. A força-tarefa terminou a arrumação em cerca de uma hora, tudo para garantir que, no ano que vem, os moradores continuem a apoiar a iniciativa.

ORGANIZADORES

Como de costume, a festa foi organizada por uma comissão com membros de todas as repúblicas do bairro. Uma das

idealizadoras da festa, Camila Heuser, 25, é formada em engenharia agrônoma, mas ainda mora na Forfé porque pretende fazer mestrado na Esalq. Ela explica que o fato de a festa ser feita na rua é o principal motivo de ser beneficente. “Como usamos um espaço público, nada melhor do que reverter o lucro da festa para a própria sociedade”, diz ela, que ressalta que o sucesso da festa tem a ver com a organização. “Cada república tem muitos amigos e se só essas pessoas fossem já seria uma grande festa. Mas as pessoas do bairro também vêm”, afirma.

Coordenando a multidão de estudantes envolvidos estava Rebeca Peres de Lima, 20, estudante de engenharia florestal que também mora na Forfé. Ela comemora a união das repúblicas com o bairro por conta da festa. “É claro que não há unanimidade, mas conseguimos patrocínio com o comércio do bairro, todos os moradores autorizaram o fechamento da rua e, inclusive, ganhamos de uma delas a pinga do quentão”, diz. Já a caloura Marina Losi Monteiro, 19, que participa da festa pela primeira vez, ressalta o fato

de a organização e o trabalho serem divididos de forma igual entre os veteranos e os calouros, já que a festa tem o objetivo de ajudar.

Henrique Rosa Antunes, 20, é outro que participa da organização. O estudante de economia mora na Coração de Mãe, que vende milho cozido na festa, e aponta a integração entre as repúblicas como o grande ponto positivo da festa. Marcos Pereira, 23, é morador da Biosfera, responsável pelo churrasquinho da festa, e participa da festa desde a segunda edição. Para ele, a integração das repúblicas com os moradores do bairro é o grande ponto positivo. “As pessoas têm uma imagem ruim das repúblicas e a festa melhora essa relação”, diz o estudante de engenharia ambiental.

Vendedor de doces na barraca da Maracangalha, o campineiro Ivan Zarus, 23, é estudante de engenharia florestal e também trabalha na festa desde a primeira edição. O resgate da tradição caipira e a integração do bairro são os melhores pontos da festa para ele.